

**A quadrimensionalidade é a preparação  
para entender o mundo astral**  
**Rudolf Steiner**

GA 324a\* Terceira palestra Berlim, 17 de maio de 1905

Tradução: Salvador Pane Baruja, 02/03/2024

Uso particular e sem fins lucrativos

Meu caros amigos, hoje vou continuar falando deste difícil capítulo, que decidimos abordar.<sup>NT</sup> Para isso, torna-se necessário lembrar os diversos aspectos que já abordei nas últimas [duas] conferências. Hoje também quero apresentar as linhas básicas, os conceitos básicos, do modelo do senhor Schouten<sup>1</sup>, [tanto as relações geométricas quanto] os interessantes pontos de vista práticos da Teosofia, que adotamos integralmente nas últimas palestras.

Como os senhores sabem, temos tentado basicamente criar uma representação do espaço quadrimensional conforme as condições vigentes, de forma a conseguir pelo menos chegar a um conceito da chamada região astral, assim como das regiões superiores, especialmente da existência da mais elevada. Eu já assinalei que o ingresso no espaço astral, no mundo astral, é inicialmente algo muito confuso. Quem não se dedicar detalhadamente a estes temas, quem nem sequer estudou teoricamente a Teosofia, achará extremamente difícil formar um conceito da natureza absolutamente diferente das coisas e dos entes que se apresentam no chamado mundo astral. Permitam os senhores que eu mostre em poucas linhas o nível de grandeza dessa diferença.

Eu disse que o mais fácil de tudo é que devemos aprender a ler simetricamente [de maneira invertida] cada número. O aluno da Ciência Espiritual que só está acostumado a ler números como o faz correntemente aqui no mundo físico não vai conseguir se orientar no labirinto astral. Quando os senhores têm um número, por exemplo o 467, no mundo astral os senhores devem lê-lo como 764. Os senhores devem se acostumar a ler tudo de maneira simétrica, a olhar de maneira simétrica. Essa é a condição básica. Ela é relativamente fácil, enquanto se trata de imagens espaciais ou números. Fica mesmo difícil de realizar quando se trata de relações temporais, especificamente que elas apresentam inicialmente o que é posterior e, depois, o que vem no início. Portanto, quando os senhores observam processos astrais {no mundo astral}, os senhores devem poder ler de trás para frente, de atrás para diante.

---

NT: A palestra aqui traduzida ao português é uma das oito proferidas por Rudolf Steiner em Berlim entre 24 de março de 1905 e 22 de outubro de 1908. Não se trata de uma reprodução *ipsis verbalis*, mas de um texto que reúne anotações pessoais de três participantes.

A introdução à Obra Completa número 234a mostra o contexto histórico: “Considerações matemáticas sobre espaços multidimensionais existem desde meados do século XIX. Elas só chegaram ao conhecimento de uma ampla opinião pública a partir de experimentos espíritas em ligação à questão da existência de um espaço quadrimensional. Textos introdutórios nas formas da Geometria quadrimensional de fácil leitura, parcialmente escritos em estilo novelesco, aumentaram ainda mais o interesse da opinião pública pelas questões levantadas. Rudolf Steiner proferiu uma série de conferências sobre a muito discutida questão nos meios culturais da existência real de uma quarta dimensão. Os membros da Sociedade Teosófica nas décadas de 80 e 90 do século XIX dedicavam-se ao tema em ligação aos experimentos espíritas. Steiner não se dedicou à questão espírita, mas a pontos de vista básicos, como por exemplo as exposições sobre a Geometria de corpos quadrimensionais. Elas visavam preparar as pessoas interessadas na iniciação do desenvolvimento do conhecimento espiritual”.

---

<sup>1</sup> Trata-se provavelmente de *Jan Arnoldus Schouten* (1883-1971), professor holandês de Matemática em Delft, na Holanda. {Veja o texto no final desta tradução}.

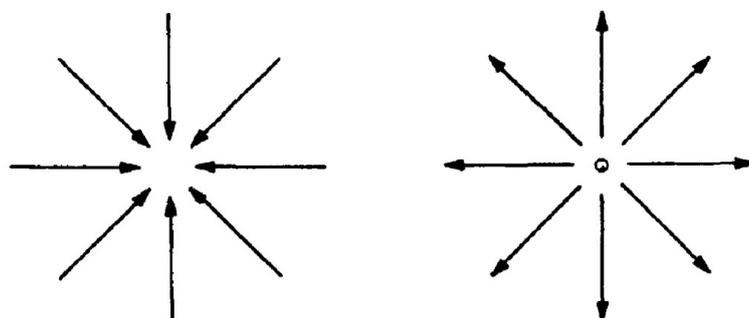
Coisas dessa natureza só podem ser tratadas assim de maneira genérica, porque às vezes elas se apresentam como algo absolutamente grotesco para quem não tem idéia disso. No mundo astral, primeiro vem o filho e depois o pai, primeiro o ovo e depois a galinha. No físico, é diferente. No mundo físico, primeiro ocorre o nascimento e depois é que o novo provém do antigo. No astral, é o contrário, pois o velho nasce do novo, o que se apresenta como sendo de natureza paterna ou materna engole o que tem caráter de filho ou filha.

Temos uma bela alegoria proveniente da {antiga} Grécia. Os três deuses Urano, Cronos<sup>2</sup> e Zeus representam simbolicamente os três mundos. Urano representa o mundo celestial, ou o *devachan* {NT: no original, a expressão provém do sânscrito e significa mundo espiritual}. Cronos representa o mundo astral e Zeus, o físico. Conta-se que Cronos devorou os seus filhos. Portanto, no mundo astral, ninguém nasce, mas é devorado.

Complicado mesmo fica quando tentamos extrair o lado moral do plano astral, pois ele aparece também de forma invertida. E por isso os senhores podem pensar que as coisas aparecem de uma outra maneira {no mundo astral} do que quando as interpretamos como estamos acostumados a interpretar no mundo físico. Assim, por exemplo, vemos no plano astral que um animal selvagem se aproxima de nós. Isso não deve ser interpretado como se fosse no mundo físico. O animal selvagem que nos asfixia é a imagem que surge na pessoa que está acostumado a entender eventos exteriores.

O animal selvagem na verdade é algo que existe em nós, que vive em nosso corpo astral e que nos asfixia. Aquilo que para os senhores se apresenta como sendo o animal que estrangula é algo que tem raízes no próprio desejo dos senhores. Dessa forma, quando os senhores têm pensamentos de vingança podem achar que um anjo esganador se aproxima dos senhores e os ameaça.

Na verdade, no [mundo astral] tudo irradia de nós. Tudo o que vemos que se aproxima de nós no {mundo} astral devemos ver como que irradiando de nós (veja desenho abaixo). Tudo vem da esfera {periferia}, de todos os lados, assim como tudo vem do espaço infinito e penetra em nós. Na verdade, tudo {no mundo astral} nada mais é do que aquilo que o nosso corpo astral envia para fora.



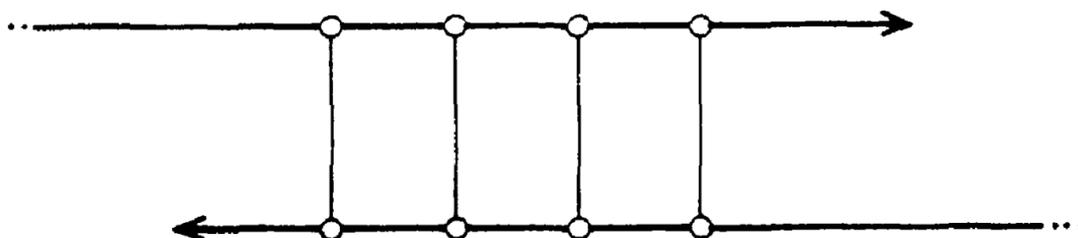
<sup>2</sup> Cronos {NT, em alemão, *Kronos* representa o mundo astral, ao passo que *Chronos*, o tempo} é o filho de Urano e de Gaia. Ele casou com sua irmã Réia e nasceram os filhos Poseidon e Zeus, e as filhas Demétria, Héstita e Hera. Cronos devorou todos os seus filhos, exceto Zeus, que a mãe Réia entregou à sua própria mãe Gaia. Veja os primeiro e segundo parágrafos do capítulo I do primeiro volume de *A mitologia dos gregos*, de Karl Kerényi, Editora Klett Cotta, 1966.

Na verdade, só entendemos corretamente o astral quando passamos a colocar a periferia no centro, quando passamos a observar e a considerar a periferia como sendo o centro. O astral parece vir para os senhores a partir de todos os lados, mas isso deve ser pensado como algo que irradia mesmo dos senhores para todos os lados.

Agora eu gostaria que os senhores tomassem logo conhecimento de um conceito muito importante no ocultismo. Ele percorre as mais variadas obras sobre a pesquisa oculta, mas não é realmente entendido. Quem chegar a um determinado nível do desenvolvimento oculto, deve aprender a ver no mundo astral exterior tudo o que lhe pertence cármicamente, seja alegria, seja dor, seja prazer. Se os senhores pensarem teosófica e no sentido correto, certamente que verão claramente que a vida exterior, o nosso corpo, na presente época nada mais é do que o resultado, a média, de duas correntes, que provêm de duas direções opostas e se interpenetram.

Pensem os senhores numa corrente que vem do passado e uma outra, oriunda do futuro. Os senhores têm aí duas correntes que se interpenetram, que, na verdade, se cruzam em cada ponto (desenho abaixo). Pensem os senhores numa corrente de cor vermelha, que vai numa direção, e numa corrente de cor azul, que vai numa outra direção. E agora pensem que elas se cruzam, por exemplo, em quatro pontos. [Temos assim em cada um desses pontos de encontro] a ação conjunta das correntes vermelha e azul.

[Isto é uma imagem que reflete a ação conjunta] de quatro encarnações consecutivas, sendo que em cada uma delas recebemos algo que vem de uma corrente [e algo da outra corrente]. Assim, os senhores poderiam dizer que uma das correntes traz algo para os senhores, e os senhores trazem algo para a outra. O ser humano flui junto com ambas as correntes.



Se os senhores pensarem dessa maneira, passarão a ter uma representação mental disso. Os senhores estão hoje sentados aqui e têm vários tipos de vivências. Amanhã, nesta mesma hora, os senhores terão outras vivências. Imaginem os senhores como seria se os eventos que acontecerão amanhã já estivessem todos agora aqui presentes. Eles gerariam a mesma vivência que os senhores teriam se olhassem um panorama. Seria como se os senhores fossem em direção a esses eventos, como se esses eventos se aproximassem dos senhores. Portanto, imaginem os senhores que a corrente que vem do futuro na direção dos senhores traz consigo esses eventos, então os senhores recebem por meio dessa corrente os eventos de hoje e de amanhã. Os senhores se deixam levar pelo passado, que vem do futuro em direção aos senhores.

A cada instante, a vida dos senhores é a média de duas correntes, uma delas vem do futuro para o presente, e a outra vai do presente para o futuro. Onde as correntes se encontram, ocorre um estancamento. Tudo o que o ser humano ainda tem pela frente vê surgir na sua frente sob a forma de evento astral. Isso é algo que fala uma inacreditável e impressionante linguagem.

Pensem os senhores que o discípulo da Ciência Espiritual [chega no seu desenvolvimento ao ponto onde ele] deve olhar no mundo astral, onde os sentidos lhe serão abertos, de tal forma que, aquilo que ele ainda teria de vivenciar até o final do presente período, seria como o fenômeno exterior que surge ao seu redor no mundo astral. Esse é o aspecto que se apresenta de maneira penetrante para cada ser humano. Devemos, portanto, dizer que esse é um estágio importante no decorrer do desenvolvimento humano oculto, no qual o panorama astral se apresenta ao ser humano até a metade da sexta época cultural<sup>NT</sup>, pois é até aí que vamos nos encarnar sucessivamente. O caminho se abre para ele. Nenhum discípulo da Ciência Oculta vai vivenciar algo diferente desse fenômeno exterior no futuro próximo, até chegar à sexta época cultural.

Quando o discípulo avançar até chegar ao limiar, surgirá nele a questão: “Você quer vivenciar tudo isso no menor tempo possível?” Pois é disso que se trata para quem quer receber a iniciação. Se os senhores considerarem isso, então têm num instante diante de si a sua própria vida futura como se fosse uma vista panorâmica. Por outro lado, é justamente isso que caracteriza a contemplação do {mundo} astral.

Algumas pessoas respondem: “Não, eu não quero isso”. Outras, ao contrário, dizem: “Eu quero isso”. Esse é ponto do desenvolvimento {pessoal} chamado de “o limiar”, é {o momento de tomar} a decisão, e o que aparece é chamado de “o guardião do limiar”, que tem a ver como tudo o que a pessoa virá a conhecer e a vivenciar. O guardião do limiar nada mais é do que a nossa própria vida futura. Nós mesmos somos isso. A nossa própria vida futura repousa além do limiar.

Por outro lado, os senhores veem que uma particularidade do mundo astral consiste em que a pessoa a quem por meio de algum evento o mundo astral se abre repentinamente antes disso deve enfrentar algo incompreensível – e esses fatos ocorrem na vida. É uma visão terrível, pois para as pessoas nada pode ser mais desorientador do que encontrar-se, sem aviso prévio, diante do mundo astral. Por isso, é eminentemente bom saber do que estamos falando, pois, assim, caso o mundo astral se abrir inesperadamente, a pessoa então saberá o que fazer. O evento {desencadeador} pode ser algo patológico, o afrouxamento das ligações entre os corpos físico e etérico ou entre os corpos etérico e astral.

Devido a esses eventos, a pessoa pode ser inesperadamente levada a ter uma visão do mundo astral ou a entrar nele. Depois, ela conta o que viu, mas não sabe ler {interpretar}, porque não sabe que deve interpretar {o que vê} como a imagem invertida de um espelho, que {por exemplo} cada animal selvagem que se aproxima deve entender como sendo a imagem daquilo que vive nela mesmo. De fato, no *Kamaloka* {conceito do sânscrito, que significa o mundo astral pós-morte dos desejos} as forças astrais e as paixões humanas se apresentam sob as mais variadas formas do mundo animal.

---

NT: Steiner usou na sua palestra de 1906 a expressão “sexta raça”. Dois anos mais tarde, ele fez uma correção: “Hoje em dia, o conceito de cultura substituiu o de raça” e cunhou o conceito de “época cultural”, conforme se lê na palestra de 20 de junho de 1908 (*O Apocalipse de João*, Editora Antroposófica, 2da. Edição, São Paulo, 2018, Obra completa número 104, p. 69). Nesta tradução, utilizo o conceito de 1908.

Não é uma visão especialmente bonita quando se vê no *Kamaloka* os seres humanos que acabaram de se separar do corpo físico. Nesse instante, eles ainda levam consigo todos os seus desejos, paixões, impulsos e cobiças. Na verdade, no *Kamaloka* o ser humano não tem mais seus corpos físico e etérico, mas ainda conserva no seu corpo astral tudo aquilo através do qual manteve contato com o mundo físico e que só podia ser satisfeito por meio do corpo físico.

Pensem os senhores num simples cidadão comum e corrente, que na sua vida passada não foi nada especial e também não tentou atingir algo, que pouco fez pelo seu desenvolvimento religioso, que jogou pela janela não a religiosidade teórica, mas a religiosidade prática dos seus sentimentos e intenções. A religião não é um elemento vivo nele. O que contém o seu corpo astral? Apenas coisas que só podem ser satisfeitas por meio do organismo físico. Ele exige, por exemplo, os prazeres culinários. Mas para satisfazer esse desejo, ele deve contar com o céu da boca. Ou exige outras satisfações, que somente podem ser atingidas se movimentar o seu corpo físico.

Digamos que essa pessoa tivesse um desses desejos, mas não contasse mais com o corpo físico. Tudo isso então vive no seu corpo astral. Essa é a situação da pessoa que morreu sem ter limpadado e purificado o seu corpo astral. Ela ainda conserva {depois de morta} o desejo de sentir os prazeres culinários e outros, mas não tem a possibilidade de satisfazê-los. É assim que surge a tortura, o terrível, da vida no *Kamaloka*. Por isso é que a pessoa deve se desfazer dos desejos no *Kamaloka* quando morre sem uma purificação astral. Somente depois que esse corpo astral chegar ao ponto de aprender que não pode mais satisfazer seus desejos e suas cobiças, que deve abandonar tudo isso, é que ele é livre.

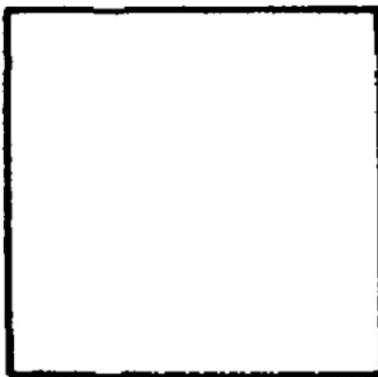
Os impulsos e as paixões assumem formas animais {no mundo astral}. Enquanto o ser humano estiver encarnado num corpo físico, ele conforma parcialmente o seu corpo astral segundo o seu corpo físico. Mas quando o corpo físico deixa de existir, surgem então as paixões, os desejos e as cobiças, conforme a natureza animal de cada uma dessas sensações, na forma característica de cada animal. Portanto, o ser humano no mundo astral é uma imagem de suas cobiças e paixões. Como esses seres astrais podem utilizar outros corpos, é perigoso quando um medium entra em transe sem contar com uma pessoa clarividente para {ajudá-lo a} evitar grandes males.

No mundo físico, o leão é uma expressão plástica de determinadas paixões, o tigre, de outras, e o gato também de outras. É muito interessante observar como cada animal é a expressão plástica de uma paixão, de um impulso. No *Kamaloka*, portanto no mundo astral, o ser humano aproxima-se por meio de suas paixões {à natureza animal}. Daí vem a {atual} incompreensão da doutrina da transmigração das almas praticada pelos sacerdotes e iniciados da Índia e do Egito {da Antiguidade}. A doutrina diz que as pessoas devem viver de tal forma que não possam incorporar-se em animais {no mundo astral após a morte}.

A doutrina, contudo, nunca fala de vida física, mas da vida superior. A intenção dessa doutrina era somente mostrar que as pessoas deveriam viver na Terra de tal forma que, após a morte, não devessem assumir formas animais no *Kamaloka*. A pessoa {que desenvolve durante a vida na Terra} as características de um gato aparece no *Kamaloka* como se fosse um gato. O sentido da doutrina da transmigração das almas é que o ser humano também pode aparecer como ser humano no *Kamaloka*. Os especialistas {modernos} não entenderam o verdadeiro sentido dessa doutrina e, ao contrário, têm uma compreensão absurda dela.

Vemos assim, portanto, que, quando adentramos o espaço astral, essa região dos números, do tempo e da vida moral, estamos em contato com uma imagem completamente invertida daquilo que costumeiramente pensamos e realizamos {no mundo físico}. Devemos aprender a ler simetricamente quando adentramos o espaço astral.

Uma pessoa pode aprender a ler simetricamente com maior facilidade quando entra em contato com essas representações matemáticas elementais, como já mostramos na conferência anterior<sup>NT</sup>, e que vamos conhecer gradualmente nas próximas discussões. Inicialmente, gostaria de escolher uma representação bem simples, a representação de um quadrado. Imaginem os senhores que estão vendo um quadrado como já conhecem. Vou desenhar o quadrado de tal forma que cada um dos quatro lados terá uma cor diferente {NT: o desenho da edição em alemão é em preto e branco}.

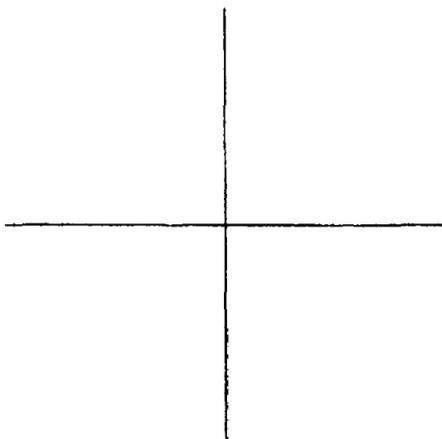


É assim que se vê fisicamente o quadrado. Agora, gostaria de desenhar para aos senhores no quadro como se vê o quadrado no *Devacham*. Não é possível desenhá-lo exatamente, mas gostaria de tentar apresentar aproximadamente a representação mental de como se vê um quadrado {no *Devacham*}. A imagem mental invertida [de um quadrado] é muito parecida a uma cruz (desenho a seguir).

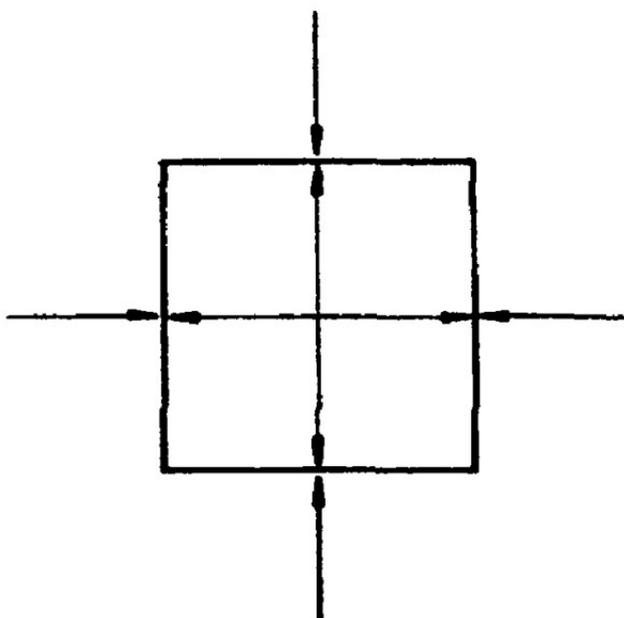
---

NT: É uma referência à palestra realizada em Berlim, no dia 31 de março de 1905.

Aqui temos, basicamente, dois eixos verticais que se cortam. Também temos duas linhas que se cortam. A imagem invertida física surge porque é possível traçar linhas verticais a partir de cada eixo. Os senhores podem se representar mentalmente a imagem invertida física de um quadrado como sendo um represamento [de duas correntes que se cruzam].



Pensemos as linhas dos eixos verticais como sendo correntes, como forças que a partir de um ponto de interseção agem para fora, e {ao mesmo tempo} como contracorrentes, que correm de fora para dentro (desenho abaixo). Assim, no mundo físico surge um quadrado quando a pessoa se representa que ambas as formas de correntes ou forças que se represam reciprocamente – uma para fora, a outra para dentro. Portanto, as correntes de forças estão limitadas pelos represamentos.

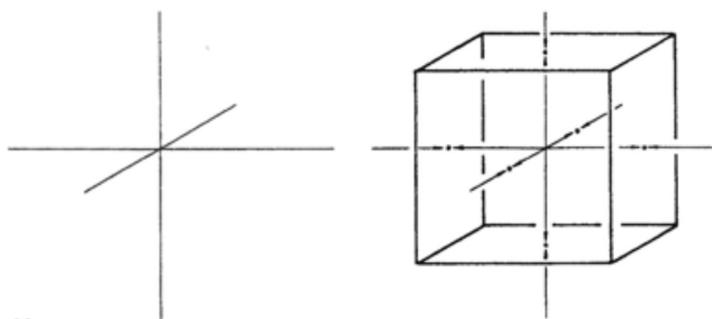


Assim, tenho uma imagem que mostra como todo o que é mental em geral se relaciona ao meio físico. Igualmente, os senhores pode construir mentalmente uma imagem invertida de qualquer objeto físico. O quadrado aqui representado serve apenas como um exemplo muito simplificado.

Se os senhores construírem {mentalmente} uma imagem invertida correlata de qualquer objeto físico que está em relação ao mundo físico da mesma forma como as duas linhas verticais paralelas se relacionam a um quadrado, então poderiam ter a imagem mental ou a imagem de qualquer objeto físico {como ele é vivenciado} no *Devachan*. Com outras coisas é, naturalmente, muito mais complexo.

Pensem os senhores agora num cubo, que é muito parecido ao quadrado. O cubo é um corpo limitado por seis quadrados. Esses seis quadrados que limitam o cubo foi feito especialmente pelo senhor Schouten. Pensem agora que, no lugar das quatro linhas limitantes que existem num quadrado, existem seis superfícies limitantes. Pensem ainda que, no lugar das linhas verticais, temos superfícies paralelas formando o represamento. Além disso, pensem que, no lugar de dois eixos verticais, existem três. Agora, coloquem os limites do cubo. Os senhores podem imaginar perfeitamente como é a imagem mental correspondente do cubo. Aqui os senhores têm novamente duas coisas que se desafiam mutuamente.

O cubo tem três eixos verticais entre si e três superfícies; devemos pensar três represamentos nas três superfícies. Só podemos pensar os três eixos e as seis superfícies como o fizemos com os dois eixos e a quatro linhas do quadrado em uma relação igual à de uma certa oposição.



Figur 23

Quem pensar um pouco, vai concluir que não é possível realizar essa representação, a menos que se lance mão de um certo conceito da oposição, especificamente a oposição da ação e de um represamento, de uma ação contrária. Os senhores devem incluir aqui o conceito de oposição. Bom, até aqui tudo ainda é fácil. Assim que avançarmos passo a passo nestes conceitos geométricos, também poderemos chegar a construir imagem mentais invertidas relativamente muito mais complexas. Assim, encontraremos o caminho para chegar a um conhecimento superior. Mas os senhores já podem perceber a colossal complexidade que se apresenta se os senhores pensarem em outro corpo e projetarem a sua imagem mental invertida.

Aparecem então muitas coisas complexas. Se os senhores pensarem num outro corpo e na sua imagem mental invertida com todas as suas formas espaciais e suas influências, aí os senhores poderiam pensar nas complexas composições mentais que existem. Se os senhores pensarem num ser humano e na sua imagem mental invertida com todas as suas formas espaciais e os seus efeitos, poderão a seguir imaginar as complexas imagens surgem dessa maneira. No meu livro Teosofia<sup>NT</sup>, só foi possível mostrar parcialmente uma imagem de como se apresentam as imagens mentais invertidas.

No cubo, temos três extensões e três eixos. Cada eixo tem de ambos os lados os correspondentes planos verticais. Os senhores devem entender agora que a oposição à qual fiz referência deve ser entendida de tal forma que os senhores pensem que cada superfície do cubo surgiu de maneira parecida ao que expliquei anteriormente de como a vida surgiu como o ponto de interseção de duas correntes. Os senhores podem imaginar as correntes que fluem a partir do centro. Pensem no espaço, no qual uma direção do eixo flui do centro para fora e, no outro sentido, flui uma corrente do infinito {em direção ao centro}.

Imaginem tudo isso fluindo em duas cores, uma vermelha, a outra azul. No momento que as duas correntes se encontram, elas passam a fluir numa superfície, vão formar uma superfície, de tal forma que, portanto, as superfícies do cubo tomam a forma como sendo o encontro numa superfície de duas correntes que confluem vindo de direções opostas. Isto é uma representação mental viva do que é um cubo.

O cubo é, portanto, o ponto de encontro de três correntes que agem entre si. Se os senhores pensarem isto no seu conjunto, terão não mais três, mas seis direções: para frente e para trás, acima e abaixo, direita e esquerda. Os senhores têm seis direções. A seguir, a situação torna-se mais complexa, porque os senhores têm duas formas de correntes: uma que sai do centro e outra que vem do infinito em direção contrária. Isto fornece ao senhores um ponto de vista do que é a utilização prática da elevada teoria teosófica. Eu tenho que conceber cada direção espacial como sendo duas correntes em sentidos opostos. Quando os senhores imaginam um corpo físico, ele é o resultado dessas duas correntes que confluem de pontos de partidas opostos.

Vamos atribuir a essas seis correntes, a essas seis direções, seis letras; *a, b, c, d, e, f*. Se os senhores pudessem criar uma representação mental dessas seis correntes ou direções – da próxima vez vamos a poder criar essas representações – e pudessem apagar mentalmente a primeira e a última - *a e f* -, ficarão a seguir quatro correntes. Peço que os senhores tenham em conta que essas quatro correntes são as quatro que podem perceber, quando os senhores olham no mundo astral.

Eu tentei dar aos senhores uma idéia das três dimensões [convencionais] e das três [outras dimensões], que de fato agem em sentido contrário. Devido que essas dimensões agem reciprocamente em sentido contrário e devido às ações opostas que geram, surgem os corpos físicos. Se os senhores pensarem em deixar algo de lado do mundo físico [uma dimensão] e do lado mental também deixar algo de lado [uma dimensão], ficam então quatro dimensões. Elas representam o mundo astral que existe entre os mundos físico e mental.

---

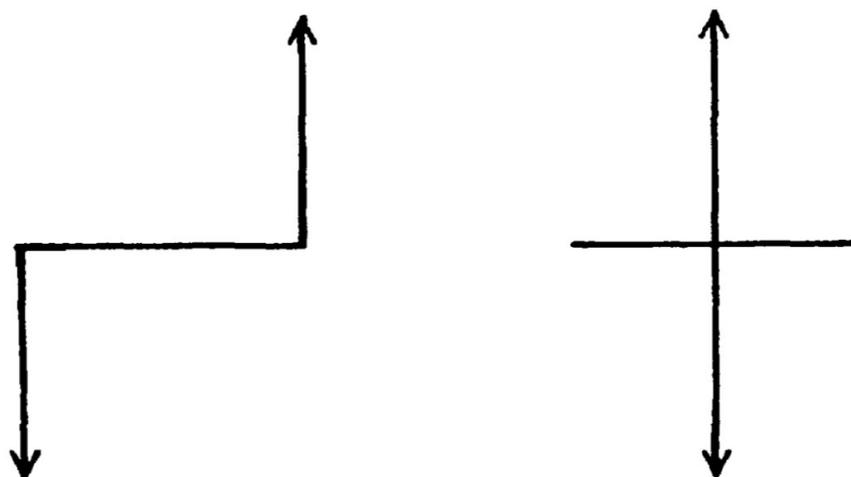
NT: *Teosofia Introdução ao conhecimento supra-sensível do mundo e do destino humano* (Obra Completa número 9), 7ª edição retraduzida 2004, Editora Antroposófica, São Paulo.

A contemplação do mundo dos teósofos é de fato assim, que precisam trabalhar com uma Geometria de um sentido mais elevado do que a Geometria convencional. A Geometria convencional apresenta o cubo como seis quadrados que se limitam. Devemos entender o cubo como o resultado de seis correntes que fluem entre si, portanto como o resultado do movimento e seu inverso {o refluxo}, como a ação conjunta de forças opostas.

Gostaria de mostrar aos senhores esse conceito na natureza exterior, onde realmente ocorreu uma oposição, que contém um profundo mistério do devir do mundo diante dos olhos das pessoas. Goethe escreveu no *Conto da serpente verde e da linda Lilia* sobre o *segredo manifesto* {em itálico no original}, que é uma das mais verdadeiras e inteligentes palavras criadas<sup>3</sup>. De fato, na natureza existem segredos ao alcance das mãos de qualquer um, mas que ninguém vê. Na natureza, estamos diante de muitos casos de processos de reversão. Gostaria de apresentar aos senhores um exemplo desses processos de reversão.

Comparem os senhores um ser humano com uma planta. O que vou dizer a seguir pode parecer como se fosse uma brincadeira, mas não é uma brincadeira. É algo que aponta para um profundo mistério. O que a planta tem na terra? A raiz. Para o alto crescem o caule, as folhas, as flores e os frutos. A cabeça da planta, a raiz, está enterrada na terra, os órgãos de reprodução se desenvolvem para o alto, em direção ao Sol, o que podemos chamar de uma maneira casta de reprodução.

Pensem os senhores na totalidade da planta ao contrário, as raízes sendo a cabeça do ser humano. Então aí está o ser humano, que tem a cabeça no alto e seus órgãos de reprodução na parte inferior {do corpo humano}, ele é uma planta invertida. E o animal encontra-se no meio {da comparação}, como sendo o represamento. Se os senhores invertirem a planta, têm o ser humano. É por isso que os ocultistas de todos os tempos desenhavam isso da seguinte maneira:



<sup>3</sup> Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), autor de *Unterhaltungen deutscher Ausgewanderten*, edição de Hamburgo, Munique, 1981, Volume seis, página 216. {Esta obra ainda não traduzida integralmente ao português, mas como separata *O conto da serpente verde e da linda Lilia*, tradução de Roberto Cattani. São Paulo, Aquariana, 2012: /“Enquanto isso, o rei de ouro disse ao homem com a lâmpada: -‘Quantos segredos você conhece?’ /-‘Três’, disse o velho. /-‘Qual é o mais importante?’’, perguntou o rei de prata. / -‘O manifesto’, disse o velho”. Tradução livre do original em alemão}.

Um [traço como] símbolo da planta, outro como símbolo do ser humano e um traço em direção contrária, representando o animal: três traços, que juntos formam uma cruz. O animal está na posição transversal, portanto atravessa aquilo que o ser humano tem em comum com a planta. Os senhores sabem, falamos da *alma mundi*, da qual Platão<sup>4</sup> disse que ela está crucificada no envoltório do corpo do mundo, presa à cruz do envoltório do corpo do mundo. Imaginem os senhores a alma do mundo como sendo a planta, o animal e o ser humano, aí está a cruz. Na medida em que a alma do mundo vive nesses três reinos, ela vive presa a essa cruz.

É por isso que os senhores encontrarão a ampliação do conceito de represamento. Os senhores o encontrarão de certa forma expandido na natureza. A planta e o ser humano formam as duas correntes que se completam e confluem, o represamento é o animal. É assim que, de fato, o animal encontra-se entre a corrente ascendente e a corrente descendente. É assim que o *Kamaloka* encontra-se entre o *Devachan* e o mundo físico, de certa forma entre ambos, que age entre ambos, que age de ambos os lados como uma superfície estagnada. A expressão exterior do mundo do *Kamaloka* é o mundo animal.

As pessoas que já possuem órgãos para compreender com energia esse mundo devem reconhecer o que já temos das relações recíprocas entre esses três reinos. Se os senhores considerarem que o mundo animal surgiu de um represamento, se considerarem os três reinos como um represamento comum dos três, então os senhores poderão encontrar a posição que o reino vegetal ocupa em relação ao animal e deste em relação ao reino humano.

O animal encontra-se numa posição vertical em relação às outras direções, que por sua vez são duas correntes que se interpenetram, se completam. O reino inferior alimenta o superior e viceversa. Isto permite jogar um pequeno fecho de luz na totalidade das diferentes formas de parentesco entre o ser humano e a planta, bem como entre o animal e o ser humano. Quem se alimentar do animal, torna-se portanto parente do represamento {do animal}.

A verdadeira ação repousa no encontro entre correntes opostas. Este é o início de uma série de pensamentos que, possivelmente, os senhores verão surgir de uma maneira curiosa. Portanto, nós vimos que o quadrado surge devido a que dois eixos são cortados por linhas. O cubo surge devido a que três eixos são cortados por superfícies. Os senhores podem pensar o que poderia cortar quatro eixos? O cubo é o limite do tipo de estrutura espacial que surge quando quatro eixos são cortados. O quadrado limita o cubo tridimensional. Da próxima vez, veremos que o cubo mesmo é o limite de algo. O cubo limita uma estrutura quadridimensional.

---

4 Platão (427-347 antes de Cristo). *Timeu* 36b-37a. Veja também *O cristianismo como fato místico e os mistérios da Antiguidade* (Obra Completa número 8) 3ª edição 2018 (retraduzida e atualizada) Editora Antroposófica, São Paulo.

Continuação do rodapé da primeira página:

Esta é a passagem que tem a ver com a presente conferência: “Delft, 1. de dezembro de 1905 / Prezado senhor doutor, / ao voltar em julho deste ano à minha cidade, quis me despedir do senhor, mas o senhor já tinha partido e por isso os modelos que o senhor utilizou para a sua conferência ainda estão no seu poder. Como tenho a intenção de proferir algumas conferências aqui sobre a quarta dimensão, peço com a maior cordialidade que o senhor tenha a gentileza de me enviar os modelos. As conferências devem ser proferidas também em algumas loggias, entre elas a de Delft, que foi criada recentemente. / Atenciosamente, J. A. Schouten / M. T. S.”.

Após concluir seus estudos de Eletrotécnica da Escola Superior de Delft, Schouten exerceu durante alguns anos a sua profissão em Rotterdam e em Berlim. Para entender a teoria da relatividade, estudou por conta própria Matemática e escreveu *Fundamentos da análise de vetores e afinadores*, em 1914, que apresentou como dissertação em Delft. Logo depois, foi nomeado professor em Delft, onde ficou até 1943. O citado livro de von Schouten [1914] com uma dedicatória pessoal do autor encontra-se na biblioteca de Rudolf Steiner {em Dornach}.

A mãe de von Schouten, H. Schouten, era membro da Sociedade Teosófica e, posteriormente, da Sociedade Antroposófica. A única informação adicional achada sobre a relação entre ambos é uma carta da mãe de von Souten a Rudolf Steiner, em 4 de março de 1913, que se encontra no arquivo da biblioteca acima citada. A seguir, um trecho da carta: “Eu tive a convicção de que meu filho, após renunciar à sua condição de membro da S. T. {Sociedade Teosófica}, iria ingressar na S. Antr. {Sociedade Antroposófica}. Ele diz que, por enquanto, não poderia dar esse passo em boa consciência, porque não poderia continuar os estudos. Ele me disse que estuda seriamente tudo o que começa na vida e que no momento encontra-se mergulhado nos seus próprios estudos, o que muito exige dele, e portanto não poderia voltar a participar dos estudos da Teo. {sofia}. Os primeiros capítulos de seu livro serão enviados agora à Academia Real {dos Países Baixos}. Além de seus trabalhos pessoais, semanalmente apresenta uma palestra sobre Matemática em Delft, outra em Rotterdam sobre Eletricidade e a Associação Filosófica de Amsterdam o perguntou se poderia proferir uma palestra sobre o seu conceito ideal da Matemática, justamente na semana em que o senhor estará em Haia. Graças a Deus, as verdades da reencarnação e do carma se encarnaram nele e na sua mulher. Meu filho diz que ambos vão assistir com prazer às palestras públicas {de Rudolf Steiner} e que alguns de seus colegas também assistiriam, caso se sentirem atraídos pelo tema. Espero que surja a oportunidade do meu filho cumprimentar o senhor”.

O primeiro trabalho de Schouten foi publicado em 1917 no volume 26 de *Verlagen en Mededeelingen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen*. Outro trabalho só pode ser atestado na volume 12 em 1918 em *Verhandelingen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam*.

### Perguntas e respostas

O que significa pensar em seis correntes, das quais duas devem ser mentalmente suprimidas e por aí afora?

As seis correntes devem ser pensadas como três correntes duplas: três delas a partir do interior agem conforme as direções dos eixos e as outras três surgem no infinito em direção contrária. Assim, para cada direção de um eixo existem duas formas, uma a partir do interior e em direção para fora e a outra vem de fora para dentro. Colocando para as duas categorias o positivo e o negativo, o mais e o menos, temos:

$+ a$	$- a$
$+ b$	$- b$
$+ c$	$- c$

E daí [para chegar ao espaço astral] temos que anular toda uma direção [por exemplo, a], as correntes para dentro e para fora, portanto, por exemplo,  $+a$  e  $-a$ .